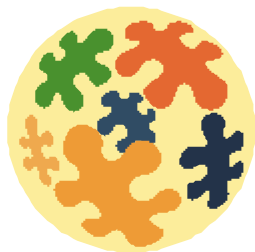


REVOLIÇÃO A REVOLUÇÃO DA VONTADE

jovem voluntário, escola solidária

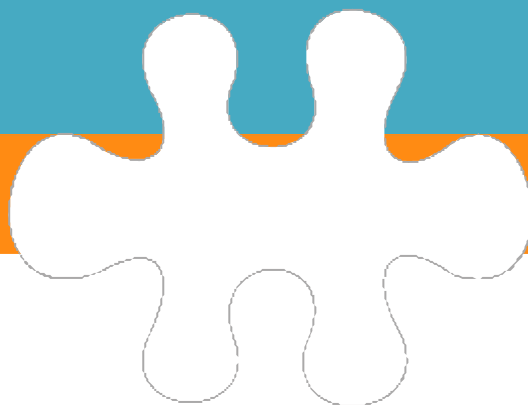




REVOLIÇÃO A REVOLUÇÃO DA VONTADE

coleção jovem voluntário, escola solidária

Antonio Carlos Gomes da Costa



EXPEDIENTE

AUTOR

Antonio Carlos Gomes da Costa

COORDENAÇÃO DO PROJETO

**Maria Eugenia da Costa Sosa
Sílvia Nunes Martins**

PROJETO GRÁFICO

Linea Creativa

COLABORADORES

**Ana Maria Marchi
Maria Gisela Gerotto**

IMPRESSÃO

Gráfica Editora Modelo Ltda.

REALIZAÇÃO

**Editora Fundação EDUCAR DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br**

JOVEM VOLUNTÁRIO, ESCOLA SOLIDÁRIA

Caros educadores e educadoras,

Envio-lhes este livro em nome do Faça Parte – Instituto Brasil Voluntário, que acredita no potencial do jovem, na importância dos educadores, dos familiares e da comunidade em geral, bem como na necessidade de estimular o trabalho voluntário.

Hoje se exercem muitas ações voluntárias em escolas, associações, empresas e clubes do nosso país. Estimulá-las e viabilizar novos projetos é contribuir com a formação de jovens capazes de oferecer o melhor de si para a realização do grande ideal de todos nós: um mundo mais humano.

O voluntariado, que nasce do encontro da cidadania com a solidariedade, revela a força da sociedade em assumir responsabilidades e agir por si mesma. Assim, valorizamos, antes de tudo, os esforços que já vêm sendo feitos por professores, educadores, pais e jovens no Brasil - todos voluntários que querem ser agentes de transformação.

Agradeço ao professor Antonio Carlos Gomes da Costa, cujas idéias e experiência nos ajudaram a traçar caminhos e construir um sonho. Acreditar no jovem e no voluntariado é acreditar em mudar a sociedade de modo significativo.

Milú Villela
Presidente do Faça Parte

“Voluntariado é um lugar privilegiado de educação das novas gerações, tanto no desenvolvimento de sua identidade pessoal e social quanto na capacidade de participação social e política.”

Mario Pollo, educador.

SOBRE O AUTOR

Antonio Carlos Gomes da Costa é educador e pedagogo. Diretor-Presidente da MODUS FACIENDI e conselheiro nas Fundações ABRINO, FNLIJ, ANDI, FUNJOBI e Instituto Ayrton Senna, representou o Brasil no Conselho Interamericano da Criança, atuou no Comitê dos Direitos da Criança da ONU em Genebra e foi consultor externo do UNICEF.

Participou do grupo de redação do Estatuto da Criança e do Adolescente e, em 1998, recebeu o Prêmio de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, na categoria livre.

Autor de vários livros como “Trabalho Infantil – Problema ou Solução?”, “Trabalhando o Social no Dia-a-Dia”, “Aventura Pedagógica” e “Pedagogia da Presença”.

APRESENTAÇÃO

Revolução não é uma revolução, ao contrário, é uma mobilização que parte da vontade de cada indivíduo em melhorar o Brasil. O que se faz desejável é que a cultura do voluntariado se instale de vez em nosso cotidiano como forma de melhorar a realidade.

A justiça, a democracia plena e o desenvolvimento sustentável serão realidade quando houver uma mudança social gradativa que reflita a liberdade e a vontade (votição) de cada um na construção dos conceitos de cidadania e responsabilidade social.

A escola solidária pode dar início a essa *revolição*. Os estudantes, os professores e os familiares podem se sensibilizar e levar outros jovens a acreditarem que é possível uma ação solidária em favor do bem comum, que resulte em benefício para todos. Quando as pessoas vêem seus horizontes ampliados, multiplicam suas ações e estimulam outras pessoas a lutar pela causa.

Este livro é um maravilhoso trabalho do educador Antonio Carlos Gomes da Costa, e, sem dúvida, irá reacender a nossa esperança, ajudando-nos a ver a importância do voluntariado como base de uma educação para valores.

ÍNDICE:

Parte I

Voluntariado - significado e sentido 7

Parte II

**Contribuições para um programa de
incentivo ao voluntariado na escola..... 19**



PARTE I

VOLUNTARIADO - SIGNIFICADO E SENTIDO -

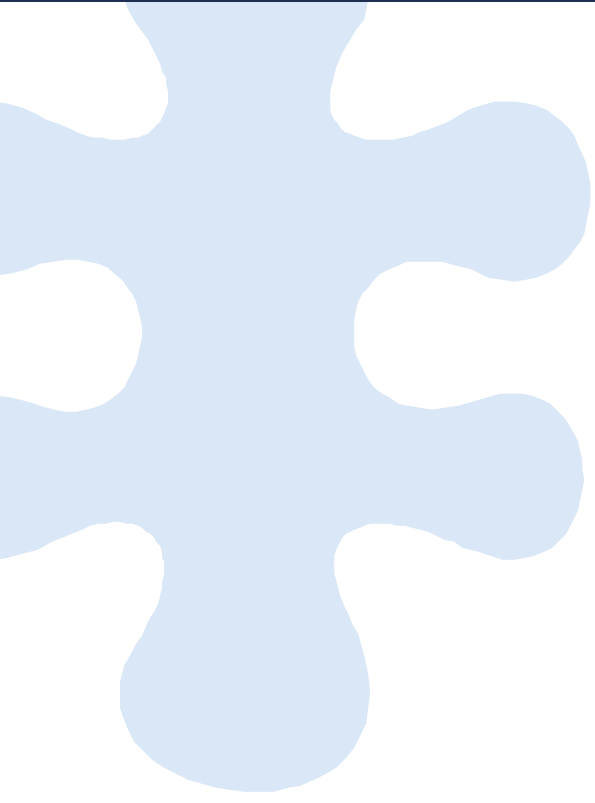
A NEGAÇÃO DA PESSOA

Ao longo do século XX, devido às leituras que relativizavam ou mesmo negavam o papel do indivíduo nos processos de mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais, a tendência foi de uma hipervalorização dos sujeitos coletivos - partidos, associações, corporações, movimentos sociais e ONG's de todo o tipo -, em detrimento de uma compreensão mais balanceada do papel das pessoas nos dinamismos que transformam as sociedades humanas.

A ONU percebeu o que estava acontecendo e procurou não negar a importância dos atores coletivos, mas enfatizar e dar especial realce à capacidade de as pessoas marcarem diferença nos dinamismos de mudança que perpassam o conjunto da vida social.

Ao longo dos anos noventa, as grandes declarações da ONU passaram a incluir o indivíduo entre seus destinatários. Tais documentos, invariavelmente, apelavam para a consciência e para a sensibilidade:

- dos governos;
- dos organismos internacionais;
- das organizações;
- dos indivíduos.



A EMERGÊNCIA DA PESSOA NO DIREITO INTERNACIONAL

Ao longo das últimas décadas, a humanidade tem assistido a uma importante transformação: a emergência e a afirmação da pessoa como a mais significativa erupção na superfície do Direito Internacional nos últimos tempos.

O sistema das nações unidas, desde a sua criação, passou por períodos com ênfases distintas

1. No pós-guerra, prevaleceu o princípio da autodeterminação dos povos;
2. No auge da Guerra Fria, o princípio da segurança coletiva: não-proliferação das armas nucleares;
3. Nos anos sessenta, foi a vez do tema do desenvolvimento econômico;
4. Nos anos setenta, veio a preocupação com o meio ambiente;
5. A partir da segunda metade dos setenta e na década dos oitenta, emergiu a questão dos direitos humanos: mulher, criança, jovem, idoso, deficiente, família, minorias e outros;
6. Nos anos noventa, como síntese de todo esse processo evolutivo, surgiu o Paradigma do Desenvolvimento Humano;
7. Em 2001, com a emergência da pessoa no direito internacional, elegeu-se o Ano Internacional do Voluntário, que plantou a semente para que tenhamos a década do voluntariado.

O VOLUNTARIADO

O voluntariado é a ação decorrente de uma decisão espontânea (não pode ser compulsória) da pessoa de contribuir, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso, para o enfrentamento de problemas reais na sua comunidade ou em âmbito social mais amplo.

Ser voluntário é envolver-se numa ação solidária, disponibilizando, para a consecução dos objetivos em pauta, parte de seu tempo, de seus conhecimentos, de sua energia ou, mesmo, de seus recursos.

Quais são as duas grandes formas de “pagamento” do trabalho voluntário?

1. Em relação a si mesmo: o enriquecimento de suas perspectivas, de seu horizonte vital;
2. Em relação aos outros: a sensação de que se tem valor para alguém, ou seja, o reconhecimento de uma nova fonte de sentido para sua existência.



VOLUNTARIADO E LIBERDADE (OPÇÃO)

O verdadeiro trabalho voluntário é fruto de uma decisão espontânea do indivíduo: jamais pode ser fruto de uma decisão externa. O incentivo ao voluntariado é o tipo de ação que transita na perigosa franja que separa a autonomia da heteronomia; a liberdade da indução ou, mesmo, da imposição disfarçada. Há que se ter muito cuidado nesse aspecto.

VOLUNTARIADO E INICIATIVA (AÇÃO)

Ao passar da intenção à ação, o voluntário realiza um duplo movimento: em direção a si mesmo e em direção ao outro. Em relação a si mesmo, ao aderir a uma ação solidária, o voluntário agrega uma dimensão nova a seu horizonte vital. Em relação aos interlocutores, parceiros e destinatários de sua ação, ele se depara com uma fonte de sentido e reconhecimento de sua presença entre os homens de seu tempo e de sua circunstância.

VOLUNTARIADO E COMPROMISSO (RESPONSABILIDADE)

É o compromisso com uma causa (cívica, religiosa, humanitária) que motiva (possibilita e faz fecunda) a ação do voluntário. Compromissar-se com uma causa relativa ao bem comum é transcender o particularismo dos horizontes puramente individuais e abrir-se a novas possibilidades a partir de uma adesão pessoal ao esforço de melhorar aspectos da realidade coletiva da qual ele próprio é parte.

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA SOLIDARIEDADE

Mais importante do que os benefícios gerados pela atividade voluntária, que, sem dúvida alguma, são de enorme relevância, é não perder de vista que o resultado mais transcendente de uma experiência autêntica de voluntariado é o empoderamento das pessoas num processo de educação como prática da solidariedade.

A educação como prática da solidariedade deve partir de uma decisão pessoal, consciente e livre por parte daquele que pretende iniciar nessa atividade. Ela pode ser despertada por um convite, por um exemplo, por um apelo. Não pode, porém, resultar de pressão de tipo algum, de indução ou de manipulação de qualquer natureza.

EM QUE TERRITÓRIO DEVERÁ SER TRAVADA A LUTA ENTRE SER E NÃO SER VOLUNTÁRIO?

Esse território é a consciência, a sensibilidade, a vontade (capacidade de transitar da intenção à ação) por parte do aspirante a voluntário.

ETAPAS DO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO:

1. Apreensão da realidade;
2. Compreensão da realidade;
3. Significação da realidade;
4. Projeção da realidade;
5. Crítica da realidade;
6. Exercício de uma ação transformadora sobre a realidade.

Na escola, o educador tem um papel fundamental:
ser o facilitador do processo de conscientização.

1º Momento: A consciência apreende a realidade

A consciência reflete a realidade, assimilando, a seu respeito, um conjunto de dados e informações.

2º Momento: A consciência compreende a realidade

A consciência estabelece ligações, nexos, relações entre os diversos dados e informações que lhe chegam, construindo um entendimento (uma compreensão), que vai amadurecendo com o tempo, de determinado aspecto da realidade.

3º Momento: A consciência significa a realidade

A consciência assume uma atitude de não-indiferença diante de determinada questão, diante de determinado aspecto ou dimensão da realidade, e se posiciona pró ou contra aquele aspecto, imprimindo-lhe um significado que pode ser positivo (valor) ou negativo (antivalor).

4º Momento: A consciência projeta a realidade

Projetar a realidade é visualizar claramente, para ela, um *poder-ser*, um *dever-ser*: é imaginar como seria a realidade se a postura que se defende em relação a ela acabasse por prevalecer. É saber o itinerário para atingir este novo patamar.

5º Momento: A consciência critica a realidade

Quando a consciência se torna detentora de uma visão clara do *poder-ser* ou do *dever-ser* de uma realidade, torna-se capaz de identificar a distância entre aquilo que é e aquilo que poderia ou deveria ser, isto é, torna-se capaz de criticar a realidade.

6º Momento: A consciência transforma a realidade

Quando a consciência atua sobre a realidade mediante uma ação crítica (visualização da distância entre o ser e o *dever-ser* de determinado aspecto da realidade), pode-se dizer que a consciência está presidindo uma ação transformadora da realidade.

EM TERMOS DE SENSIBILIZAÇÃO, É **NECESSÁRIO SABER DESPERTAR** A DIMENSÃO EXISTENCIAL ENVOLVIDA NESSA **ESCOLHA CONSCIENTE E LIVRE**

A decisão de tornar-se voluntário quase nunca é de natureza puramente racional. Ela envolve emoções freqüentemente muito profundas. O voluntário não precisa nem deve tentar conhecê-las e tocá-las. Isso faz parte do mistério de cada um. É importante, no entanto, estar consciente de que essa dimensão existe, é fundamental na escolha e deve ser respeitada ao extremo.

A PASSAGEM DA DECISÃO À AÇÃO

Por trás da passagem da decisão à ação pulsa o motivo. A motivação é o motor da ação. Quem se propõe promover o voluntário não deve ser um fornecedor de motivos, mas um criador de espaços e oportunidades para que cada pessoa possa descobrir as suas motivações. Essa, na verdade, é uma porta que só se abre por dentro.

COMO MOBILIZAR PARA A PRÁTICA DO VOLUNTARIADO?

O melhor caminho, a meu ver, deve ser aquele desenhado por Bernardo Toro, com base no modelo de comunicação macro-intencional de Juan Jaramillo.

A escola é um local privilegiado, onde podem ser criados espaços para o jovem poder descobrir suas motivações e partir para a ação.

OS PRINCIPAIS ATORES DO PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL



1. **Produtor Social:** É aquele que identifica um aspecto da realidade social e se propõe a mudá-lo, decidindo, para isso, investir tempo, recursos e energia no processo de envolvimento e engajamento de outros atores na mudança pretendida. São os jovens e professores dispostos a melhorar uma realidade social, seja fora ou dentro da escola.
2. **Editor:** É aquele que deverá trabalhar os conteúdos e propósitos que lhe forem entregues pelo produtor social, e transformá-los em estratégias e conteúdos de comunicação, a fim de fazer circular os sentidos gerados pelo produtor do processo de mobilização. Nas instituições de ensino, o jornal escolar, os cartazes ou murais podem desempenhar muito bem esse papel, comunicando a todos os alunos, professores, familiares e comunidade quais são as ações planejadas pelo produtor social. Um grupo de alunos e/ou de professores pode ser o editor.
3. **Reeditor:** É aquele que, tendo uma audiência específica, vai “traduzir” para o ponto de vista e para os interesses de tal audiência a visão e as intenções dos produtores sociais.
4. **Audiência:** É definida, num processo de mobilização social, como aqueles que vão receber a mensagem na outra ponta do processo, ou seja, os destinatários finais do processo de mobilização.

VOLUNTARIADO: UMA DECISÃO CONSCIENTE E LIVRE

Não existe liberdade. O que existe são atos executados livremente, isto é, sem imposição externa ou manipulação de qualquer tipo.

EM QUE SE FUNDAMENTA A LIBERDADE?

A liberdade se acha fundada na VOLIÇÃO, isto é, naquilo que nos faz tender para determinado curso de ação. As determinações e as influências, os condicionamentos em meio aos quais fazemos nossas escolhas e tomamos nossas decisões não devem ser vistos apenas como obstáculos à liberdade, mas como condições para o seu exercício. Volição é vontade.

REVOLUÇÃO

O termo revolução é usado para designar uma transformação suficientemente radical e suficientemente abrupta para que não se confunda com uma mudança natural ou com qualquer forma de evolução. A revolução é a ruptura radical de um processo, que se consuma com a instauração de outro com sentido inteiramente distinto do antecedente.

VOLUNTARIADO NÃO É REVOLUÇÃO

O voluntariado não é uma revolução. Não se propõe nenhuma mudança radical e abrupta. Trata-se, no entanto, de um processo de mudança social molecular e evolutiva, que tem como base a geração e o investimento constante em capital social, capaz de gerar uma massa crítica de cidadãos empoderados em todos os segmentos da sociedade, de modo a suscitar a possibilidade de mudanças sociais não abruptas, mas de grande abrangência e profundidade.

UMA “REVOLIÇÃO”

Para designar esse fenômeno de mudança social molecular e evolutiva baseada na ação de pessoas, vivenciando a vontade e o espírito de servir de modo consciente e livre, veio-me à mente a palavra “REVOLIÇÃO”, criada pelo professor Deodato Rivera para designar a atuação da pessoa automotivada e comprometida com os processos de mudança social a partir da base da sociedade.

A “REVOLIÇÃO” DA ESPERANÇA

O Brasil, como afirmou certa vez o professor Deodato Rivera, encontra-se dramaticamente dividido entre a vergonha (privação, ignorância, brutalidade e corrupção) e a esperança (responsabilidade social, ética e cidadania). Qual desses dois dinamismos internos prevalecerá na configuração do nosso futuro? O aumento dramático da quantidade e da qualidade de voluntários, vivendo experiências autênticas e não de pseudotranscendências, poderá ser um dos fatores, nunca o único, capazes de formar um povo-nação que penda para o caminho da esperança.

*Investir no voluntariado jovem é
investir no Brasil.*

ESTA É UMA OPORTUNIDADE HISTÓRICA

Se seguirmos uma orientação marqueteira e não formos capazes de gerar experiências com forte dimensão de interioridade, se nos limitarmos a processos superficiais e sem sustentabilidade autêntica, teremos desperdiçado uma oportunidade histórica de instaurar uma poderosa tendência de transformação do Brasil num país capaz de assumir-se a si mesmo e de construir o próprio futuro.

A VERDADEIRA “REVOLIÇÃO DA ESPERANÇA”
É POSSIBILITAR
A UM NÚMERO CADA VEZ MAIOR DE PESSOAS
DESCOBRIR-SE NA ALEGRIA DE SERVIR

“Dormi

E sonhei que a vida era alegria,

Acordei

E vi que a vida era servir,

Servi

E descobri que servir era alegria.”

Tagore



PARTE II

CONTRIBUIÇÕES PARA UM PROGRAMA DE INCENTIVO AO VOLUNTARIADO NA ESCOLA

“A PESSOA É UM NÓ DE RELAÇÕES”

Cada ser humano é um nó de relações aberto em todas as direções. Essa é a concepção de pessoa que adotamos.

Nossa sociedade não é feita de compartimentos estanques, portanto, conceitos como visão de homem, de mundo e de desenvolvimento do ser humano podem e devem ser compartilhados pelas disciplinas escolares e por todos os agentes da instituição escolar.



CONSCIÊNCIA E CONSEQÜÊNCIAS

Se partimos da constatação de que as ações na área do VOLUNTARIADO estão irmanadas com as disciplinas escolares, é preciso, além de ter consciência desse fato, assumir as suas conseqüências estratégicas e conceituais.

OS AGENTES DA ESCOLA

Os diretores, os professores, os funcionários e os alunos são pessoas, são membros de uma família, são cidadãos. São, também, seres abertos em todas as direções, indivíduos em processo de desenvolvimento pessoal, social e profissional. Ser voluntário ou não ser voluntário é uma atitude diante do bem-comum, que resulta da atitude básica de cada um diante da própria vida.

PONTES E REDES

Duas tarefas figuram como caráter necessário neste momento:

1. Estabelecer pontes entre essa iniciativa de ações na área do voluntariado e os demais programas e ações desenvolvidos pela escola;
2. Gerar, em cada escola, uma rede orgânica, e não artificial, de voluntários.

EDUCAR É PRECISO

Se isso for, realmente, uma verdade assumida pela direção da escola, a conclusão é que essa iniciativa no campo do incentivo ao voluntariado não é uma campanha promocional, mas uma ação educativa.

CAMPANHA PROMOCIONAL

Fazer uma campanha promocional de costas para a ação educativa dá resultados. Mas são resultados de horizonte temporal limitado (modismos). “Nenhuma grande mudança se faz sem educação.”

AÇÃO EDUCATIVA

Por outro lado, como Toro nos ensina, a educação é uma prática limitada, isto é, uma prática que “sozinha não faz grandes mudanças”, ou seja, que requer complementos.

“A educação sozinha não faz grandes mudanças, mas nenhuma grande mudança se faz sem educação!”

Bernardo Toro



O QUE QUEREMOS

Pretendemos contribuir para o surgimento, entre os agentes de qualquer instituição de ensino, de uma cultura de trabalho voluntário. Com o despertar do potencial latente nas pessoas para atuar nesse campo, faremos com que tais ações se ampliem e se interliguem, gerando uma tendência irreversível. Na escola, cada um de seus membros deve ter um compromisso com a ética da responsabilidade social, que se traduza em gestos concretos no seu dia-a-dia.

SE ISSO FOR VERDADE...

Se isso for verdade, necessitaremos de duas coisas:

1. Um processo de educação para valores que, mediante a conscientização (razão), a sensibilização (sentimento) e o incentivo à ação comprometida (dimensão pragmática), desperte e envolva as pessoas com esta dimensão de seu estar-no-mundo: a ação solidária em favor dos outros, isto é, do bem comum;
2. Um processo de mobilização que resulte no aumento do capital social: disposição de trabalhar juntos em diferentes áreas em favor de objetivos comuns, compartilhando sempre motivações, propósitos e compromissos com uma causa nobre, superior e comum (espírito de servir e responsabilidade social de cada pessoa, traduzidos em ações voluntárias em favor do outro: altruísmo).

SE FORMOS **CAPAZES DE EDUCAR PARA VALORES E MOBILIZAR**

Se formos capazes de educar para valores, mobilizar e interligar pessoas e grupos, teremos uma comunidade de sentido em torno da gestão do voluntariado no âmbito de qualquer organização.

FÓRMULAS

Fórmulas são quase sempre simplificações esquemáticas e, não raro, grosseiras da riqueza e da complexidade do real. Têm, porém, algum valor quando se trata de comunicar de modo sucinto determinado aspecto de um fenômeno.

A educação para valores é o resultado (soma) de três parcelas: C (conscientização), S (sensibilização) e IAC (incentivo a ações concretas).

A educação das pessoas para valores adicionada ao resultado (produto) da multiplicação do Capital Social Acumulado pela Mobilização do Público Interno tem como resultado o surgimento de uma COMUNIDADE DE SENTIDO.

O Programa de Incentivo ao Voluntariado (PIV) é o resultado de duas parcelas: uma externa (AV - Ambiência do Voluntariado) e uma interna (FCS - Formação de uma comunidade de sentido em torno da questão do voluntariado no âmbito da escola).

UMA ATIVIDADE SOCIOEXISTENCIAL

O voluntariado, no sentido mais amplo e profundo do termo, decorre do cruzamento, ou seja, da interseção de duas ordens sociais de exigência:

1. o requerimento da solidariedade das pessoas para o enfrentamento de situações e problemas que se apresentam no cotidiano social;
2. a busca por parte das pessoas de ações que confirmem sentido, significado, valor à sua presença no mundo entre os homens e mulheres do seu tempo e da sua circunstância.

VOLTEMOS PARA TERMINAR NOSSA CONCEPÇÃO DE PESSOA

Um nó de relações, um ser aberto em todas as direções:



UMA EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA DE VOLUNTARIADO PERMITE À PESSOA EXERCITAR-SE NESSAS DIVERSAS DIMENSÕES

O eixo principal varia de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. A relação consigo mesmo e com o outro é uma constante. A ênfase na relação com o meio ambiente ou com o sentido maior da existência costuma ter intensidades variáveis. Não é raro, porém, que a pessoa se sinta "ressignificada" em sua relação com esses quatro grandes eixos.

QUANDO A EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO SE REVELA AUTÊNTICA?

Quando permite à pessoa ultrapassar-se, isto é, ir além dos enquadramentos anteriores de sua existência, exercitando-se numa relação nova. Ultrapassar-se, ir além de si, é uma maneira de "transcender". Resumindo: uma experiência autêntica que permita à pessoa desenvolver o seu potencial no espírito de servir; é aquela da qual ela vai emergir com seu horizonte vital ampliado.



**POR ISSO, DEPOIS DE UMA
EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA, É TÃO
COMUM OUVIR DOS
VOLUNTÁRIOS EXPRESSÕES
COMO:**

“Vim para cumprir um dever e encontrei um prazer.”

“Pensei que ia só ensinar e acabei aprendendo muita coisa.”

“Cresci. Já não sou mais do mesmo tamanho.”

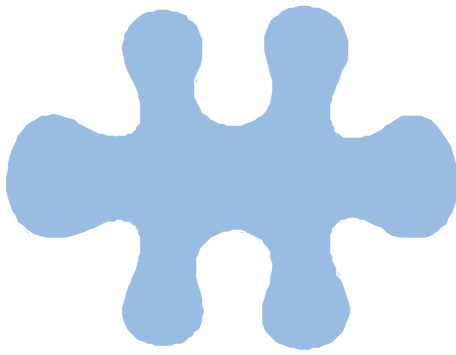
“Vim para dar e acabei recebendo mais do que dei.”

“Passei a ver a vida com outros olhos.”

“Muitas coisas a que antes eu não dava importância assumiram um significado novo para mim.”

SUGESTÕES PARA INCENTIVAR O VOLUNTARIADO NA ESCOLA

1. Informar todos os agentes da escola (professores, funcionários e alunos) sobre o tema, contemplando as várias etapas do processo de comunicação:
 - a) **Apreensão da realidade:** divulgando dados e informações a respeito do tema, dentro e fora da escola.
 - b) **Compreensão da realidade:** analisando, de forma simples e inteligível a todos, a relação desses fatos com a melhoria da qualidade da educação e da escola.
 - c) **Significação da realidade:** ressaltar os valores envolvidos em tudo isso e declarar nosso compromisso em relação a eles.
 - d) **Projeção da realidade:** prefigurar como seria a nossa realidade se tais valores de fato prevalecessem (imaginário convocante). O projeto é a memória de coisas que ainda não aconteceram, mas que podem acontecer.
 - e) **Crítica da realidade:** mostrar a distância entre o que é e o que deveria ou poderia ser se todos atuássemos dando um pouco de nós mesmos a uma causa social.
 - f) **Atuação sobre a realidade:** em vez de consignas, palavras de ordem e exortações, mostrar o exemplo daqueles que já descruzaram os braços e estão fazendo acontecer (gente que faz).



2. É absolutamente necessário respeitar os ritmos das pessoas e grupos. Por termos pressa, “precisamos ir devagar com a louça”.
3. Propiciar, de forma continuada, o intercâmbio de idéias e experiências, facilitando condições e provendo apoio para toda a comunidade escolar.

A escola deve oferecer ao aluno alternativas de participação em ações solidárias compatíveis com a evolução natural de sua vida, formação e potencialidades.

O êxito da ação voluntária não está no tamanho da ação e sim no comprometimento com a execução. Sua força transformadora concretiza-se pela soma dos êxitos de inúmeras ações voluntárias que visam à melhoria do bem-estar comum. Por esta ótica, compreendemos que toda ação é válida, não importa o tamanho: tanto faz realizar um trabalho constante em uma organização social durante meses, anos ou usar nosso potencial criativo para mudar nosso entorno, em atividades pontuais.

Promover campanhas para despertar o aluno para o exercício de sua cidadania no “aqui e agora” é um recurso valioso para a compreensão de que a cidadania começa em cada um, em pequenos atos, para, aos poucos, ir criando bases para a participação consciente na sociedade.

O importante é que a escola promova discussões sobre essas ações empreendidas e, à medida que os alunos incorporarem essas atitudes no seu dia-a-dia, estimule-os a iniciar um trabalho de conscientização com as pessoas mais próximas.

UMA UTOPIA POSSÍVEL

“O Brasil tem todas as condições ecológicas, culturais e técnicas para trilhar um novo caminho, que signifique a liquidação da herança histórica de sofrimento, suor e lágrimas que lastreiam sua trajetória de cinco séculos. Numa perspectiva mais profunda, esta herança deve significar o acúmulo para um grande salto para a frente e para cima, cujos beneficiários não serão apenas os brasileiros, mas os seres humanos, a humanidade globalizada.”

Leonardo Boff - Que Brasil Queremos?

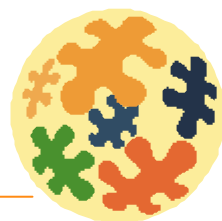
PODE PARECER INGÊNUO, MAS NÃO É

Experiências autênticas de voluntariado, construídas fora do marco estereotipado da pseudotranscendência, têm tudo a ver com a realização desta, ao mesmo tempo, pretenciosa e modesta utopia.

POR UMA CIVILIZAÇÃO MAIS GENEROSA

“Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil já é a maior das nações neolatinas pela magnitude populacional. E já começa a sê-lo pela sua criatividade artística e cultural. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã, como uma nova civilização mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da terra.”

Darcy Ribeiro - O Povo Brasileiro



“Só se constrói uma nação com cidadãos.
Só se constroem cidadãos com educação.”

Criada com a missão de estimular pessoas e instituições a refletirem sobre o valor e o papel da educação como base para a cidadania plena, a Fundação EDUCAR desenvolve programas que destacam os exemplos de sucesso em projetos de incentivo à leitura, ética, cidadania, reconstrução social, medidas socioeducativas, voluntariado e protagonismo juvenil.

A EDUCAR acredita que somente será possível um novo Brasil se todos os cidadãos forem membros economicamente ativos e conscientes de seus direitos e deveres. Isso só será possível através da educação.

Desde seu início, em 1949, a DPaschoal acredita em valores éticos e cidadãos. Em 1989, institucionalizou suas ações de responsabilidade social com a Fundação EDUCAR, para reforçar a importância estratégica do empresariado, como importante ator na construção de uma sociedade mais autônoma, democrática e justa.

FAÇA PARTE - INSTITUTO BRASIL VOLUNTÁRIO

O Ano Internacional do Voluntário, 2001, foi uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de promover a cultura do voluntariado, desencadeando ações e reflexões sobre o tema em todo o mundo.

Para tanto, foi criado, no Brasil, o Comitê do Ano Internacional do Voluntário que incentivou projetos de voluntariado em todas as esferas sociais. Com uma atuação forte e continuada, o Comitê cresceu, ganhou espaço, foi destacado pela mídia e contribuiu para que cerca de 30 milhões de pessoas fossem mobilizadas em prol de ações voluntárias.

Para dar continuidade a todo esse trabalho, foi criado o Faça Parte - Instituto Brasil Voluntário. Em 2002, o principal foco de suas ações é o programa “Jovem Voluntário, Escola Solidária”, que busca estimular o jovem a realizar trabalhos sociais dentro e fora de suas escolas.

O Faça Parte tem um sonho: tornar o Brasil mais justo socialmente, de modo que cada brasileiro sinta-se parte ativa da construção do país. Sua missão é fortalecer a cultura do voluntariado no Brasil, promovendo, desta forma, a inclusão social.

"Educar para a solidariedade não quer dizer somente falar dela, mas experimentá-la, dar a oportunidade aos jovens de confrontar-se com experiências diversas. O voluntariado pode oferecer ocasiões de contato com a realidade e de contextualizar os programas elaborados."

Roberta Franzoni, educadora.

Agradecemos a todas as empresas parceiras que têm nos ajudado na edição de nossos livros, tanto por investimento direto ou através da Lei Rouanet.

DPASCHOAL

GOOD YEAR

